

ANIMUS E
ANIMA



BIBLIOTECA JUNGUIANA
DE PSICOLOGIA FEMININA

Emma Jung

ANIMUS E ANIMA

Uma Introdução à Psicologia Analítica sobre os
Arquétipos do Masculino e Feminino Inconscientes

Tradução

Dante Pignatari



**Editora
Cultrix**
SÃO PAULO

Título do original: *Animus and Anima*.

Copyright © 1967 Rascher & Co. Ag. Zurique.

Copyright da edição brasileira © 1991, 2020 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

2ª edição 2020.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Cultrix não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz

Gerente de produção editorial: Indiara Faria Kayo

Editoração eletrônica: Join Bureau

Revisão: Vivian Miwa Matsushita

Capa: Lucas Campos/Indie 6 Design Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jung, Emma, 1882-1955

Animus e anima: uma introdução à psicologia analítica sobre os arquétipos do masculino e feminino inconscientes / Emma Jung; tradução Dante Pignatari. – 2. ed. – São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2020.

Título original: *Animus and anima*.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5736-023-1

1. Anima (Psicanálise) 2. Animus (Psicanálise) I. Título. II. Série.

20-38559

CDD-150.1954

Índices para catálogo sistemático:

1. Animus: Arquétipo junguiano: Psicologia analítica 150.1954
Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Direitos de tradução para a língua portuguesa adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP — Fone: (11) 2066-9000

<http://www.editoracultrix.com.br>

E-mail: atendimento@editoracultrix.com.br

Foi feito o depósito legal.

SUMÁRIO

Prefácio à edição brasileira.....	7
Uma contribuição ao problema do animus	11
Introdução.....	13
Formas de manifestação do animus.....	17
A representação do animus através das imagens do inconsciente	47
A anima como ser natural.....	67
Notas	123
Bibliografia.....	133



PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

DENISE G. RAMOS

Olhos brilhantes, expressão sorridente, firme e decidida, assim aparece Emma Jung numa foto tirada em 1911, durante o Congresso de Psicanálise de Weimar.¹ Entre Sigmund Freud, Otto Rank, Ludwig Binswanger, Ernest Jones, Wilhelm Stekel, Lou Andreas-Salomé e o marido Carl Gustav Jung, e outros mais, Emma destaca-se como mulher culta, inteligente e bem-humorada. Anfitriã de grandes encontros entre mestres e pesquisadores de psicanálise, é tida como responsável pelo clima acolhedor e harmonioso de inúmeros seminários e debates, compensando o temperamento mais explosivo e extrovertido do marido.

Mãe de cinco filhos, ao mesmo tempo que estudava latim, grego, matemática e psicologia, tornou-se uma das diretoras do C.G. Jung Institute de Zürich, onde dava palestras e exercia seu trabalho de analista e supervisora.² Se a questão de conciliar

trabalho e família é ainda bastante problemática para a mulher de hoje, podemos imaginar quão difícil era para uma mulher do início do século, num país conservador, numa época em que só os homens votavam.

Em suas cartas para Freud, Emma deixa claro como se sentia diminuída frente ao poder do marido e ressentia-se de um certo isolamento. Queixava-se das paixões das mulheres por Jung, do tratamento maternal que os homens lhe dispensavam, assim como do fato de ser vista somente como mulher ou aluna do mestre-pai.³

Nas lutas para ser conhecida por si mesma, dois temas parecem atraí-la mais: o mistério do Santo Graal e a questão do feminino no homem e do masculino na mulher. Os dois assuntos transformaram-se em livro. O primeiro resultou no volume *Die Graals legende in Psychologischer Sicht* [*A Lenda do Graal – Do Ponto de Vista Psicológico*],* obra que, devido à sua morte em 1955, foi terminada por M.-Louise von Franz; o segundo, *Animus e Anima*, só agora publicado em português, resultou da junção de dois trabalhos seus: *Ein Beitrag zum Problem des Animus* [Uma Contribuição ao Problema do Animus], palestra feita em 1931, e *Die Anima als Naturwesen* [Anima como Ser Natural], publicado originalmente em 1955.

Parece que nunca estiveram tão confusos quanto agora os padrões culturais masculinos e femininos, mas a clareza e objetividade com que a autora descreve centenas de imagens com

* *A Lenda do Graal – Do Ponto de Vista Psicológico*. São Paulo: Pensamento, 1989.

as quais se revestem os gêneros da espécie humana são de inestimável valor no processo de transformação pelo qual a humanidade passa hoje.

Atravessamos uma crise aguda, com um questionamento crescente sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, sobre desempenho de papéis e função social. Tabus e limites são diariamente rompidos por alguns segmentos da sociedade, enquanto outros se aferram a padrões medievais. Nesse crescimento acelerado, torna-se imprescindível que nos reportemos às nossas raízes a fim de mantermos o eixo da consciência com a natureza.

Sem se perder na multiplicidade das formas e do conteúdo, Emma extrai a essência dos mitos, lendas e contos de fadas da Antiguidade até a era moderna. Embora pertençam predominantemente à cultura europeia, as histórias e os símbolos por ela utilizados podem com facilidade encontrar paralelo na mitologia brasileira.

A classificação do animus em quatro estágios tornou-se um modelo adotado pela psicologia analítica, por permitir compreender tanto as defasagens entre o desenvolvimento intelectual e afetivo como prever as etapas de crescimento da personalidade. Bastante atual, também, é sua ênfase em abordar a anima como um ser da natureza, atitude que vem ao encontro dos mais recentes movimentos ecológicos e naturalistas. O homem consciente de sua anima mantém um vínculo de respeito e amor para com a terra.

Finalmente, Emma demonstra que somente a conscientização de nossas projeções pode liberar o outro de nosso próprio inconsciente e sombra, permitindo uma relação plena, harmoniosa e saudável com o mundo e conosco mesmos.

São Paulo, 7 de março de 1990.

Referências bibliográficas

1. McGuire, William (org.). *The Freud/Jung Letters*. Princeton University Press, Princeton, 1974, p. 445.
2. Van der Post, Laurens. *Jung and story of our time*. Penguin Books, Londres, 1988.
3. McGuire, William (org.), *op. cit.*, p. 457.

UMA CONTRIBUIÇÃO AO PROBLEMA DO ANIMUS

Conferência realizada no Clube dos Psicólogos de Zurique, em novembro de 1931. Publicada em *Wirklichkeit der Seele* [A Realidade da Alma], de C. G. Jung. Aplicações e progresso da nova Psicologia [Ensaio Psicológico IV]. Rascher, Zurique, 1934. Novas edições em 1939 e 1947.



INTRODUÇÃO

Na concepção natural primitiva a alma não é bem uma unidade, e sim um complexo múltiplo indeterminado. Esse fato expressa-se nas representações, encontradas entre todos os povos, de espíritos ou almas que habitam as pessoas, seja por terem se introduzido antes ou durante o nascimento ou por terem se apoderado do indivíduo em alguma outra ocasião posterior para nele exhibir sua atividade. Às vezes eles são considerados espíritos dos antepassados ou da tribo, outras, como os assim chamados espíritos da mata, que embora pertençam a determinada pessoa, são pensados como habitando animais.¹ Em nossas crenças populares, em mitos e contos de fadas, os gigantes e anões bons e maus, fadas e magos, e com frequência também os espíritos dos mortos, e às vezes de animais, têm um significado semelhante.

Essas representações originam-se na experiência direta conhecida de cada um de que às vezes somos tomados por estados e emoções que despertam em nós impulsos, sentimentos, pensamentos e imagens que nos parecem totalmente estranhos.

Com frequência, tais emoções são diametralmente opostas aos nossos pontos de vista ou intenções, de tal forma que dão a impressão de se tratar de manifestações de um ser com existência própria, diferente de nós.

Quando Paulo diz: “O bem que eu quero, este eu não faço, mas o mal que eu não quero, este eu faço”,² está expressando a mesma experiência, ou seja, aquela que às vezes nos faz notar em nós uma vontade estranha, que faz o contrário daquilo que nós queremos ou aprovamos. Não é necessariamente o mal o que faz essa outra vontade, pois ela pode querer o melhor, sendo sentida então como um ser superior dirigente ou inspirador, como espírito protetor ou gênio no sentido do Daimónion socrático. Com frequência também não se trata de algo bom ou mau, mas apenas de um Outro diferente, que surpreendentemente faz se valer por si mesmo, com vontade e opinião próprias, dando a impressão de que se está tomado ou possuído por espíritos estranhos.

A experiência direta que também é concedida a todos, representada pela atividade do sonho e da fantasia, é uma outra fonte dessas representações.

Depois que o racionalismo científico esqueceu o significado dessas coisas e a consciência do eu se apossou da totalidade da psique, mais uma vez volta-se a requerer da psicologia médica moderna concepções que têm um parentesco surpreendente com as concepções primitivas mencionadas acima. Na verdade, teve-se que assumir que o eu consciente é apenas um aspecto da psique; pois certas aparições, sobretudo na vida anímica anormal, praticamente não podem ser esclarecidas de outra maneira

que não seja a existência de regiões da alma externas à consciência do eu, e que não apenas os sonhos, mas muitas outras aparições e sintomas devem ser atribuídos aos conteúdos e às atividades aí existentes. Essas áreas da alma externas à consciência são reunidas sob a denominação de “Inconsciente”. Pesquisadores como Janet, Flournoy, Breuer, Freud e outros apresentaram provas da existência desse inconsciente psíquico.

Mesmo a constatação de que há um inconsciente não basta, pois esse conceito expressa, antes de tudo, só algo indeterminado e negativo. Por isso o próximo passo foi pesquisar de que modo esse inconsciente foi criado e o que continha.

Os trabalhos de C. G. Jung tratam de forma especialmente aprofundada da pesquisa da estrutura do inconsciente e de seus conteúdos. Enquanto a teoria freudiana vê o inconsciente apenas como um depósito para tudo aquilo que à personalidade consciente parece incômodo ou indesejável, ou ainda inútil, Jung diferencia um inconsciente pessoal de um impessoal ou coletivo. O inconsciente pessoal contém “todas as aquisições da existência pessoal..., tudo aquilo, portanto, que foi esquecido, reprimido, e percebido, pensado e sentido de maneira subliminar. Ao lado desses conteúdos inconscientes pessoais há, todavia, outros conteúdos que não se originam de conteúdos pessoais, e sim totalmente das possibilidades herdadas do funcionamento psíquico, ou seja, da estrutura cerebral herdada. Estes são os contextos mitológicos, os motivos e as imagens que podem surgir de novo a qualquer momento e em toda parte sem tradição histórica ou migração”.³

O prosseguimento da pesquisa resultou em que é sobretudo um certo número de imagens ou figuras típicas que emergem com frequência e por toda parte, como, por exemplo, as figuras do herói, do monstro, do mago, da bruxa, do pai, da mãe, do velho sábio, da criança etc. Jung chama essas figuras de “imagens primordiais ou arquétipos”,⁴ pois elas representam formas que se tornaram ideias bem universais e atemporais.

Dentre esses arquétipos há sobretudo dois investidos de grande significado, pois, pertencendo por um lado à personalidade, e por outro estando enraizados no inconsciente coletivo, eles constroem uma espécie de elo ou ponte entre o pessoal e o impessoal, bem como entre o consciente e o inconsciente. Essas duas figuras – uma é masculina, e a outra, feminina – foram denominadas de *animus e anima* por Jung.⁵ Ele entende aí um complexo funcional que se comporta de forma compensatória em relação à personalidade externa, de certo modo uma personalidade interna que apresenta aquelas propriedades que faltam à personalidade externa, consciente e manifesta. São características femininas no homem e masculinas na mulher que normalmente estão sempre presentes em determinada medida, mas que são incômodas para a adaptação externa ou para o ideal existente, não encontrando espaço algum no ser voltado para o exterior.

O caráter dessas duas figuras não é, entretanto, determinado apenas pela respectiva estruturação no sexo oposto, sendo condicionado ainda pelas experiências que cada um traz em si do trato com indivíduos do sexo oposto no decurso de sua vida e por meio da imagem coletiva que o homem tem da mulher e a

mulher tem do homem. Esses três fatores condensam-se numa grandeza que não é apenas imagem nem somente experiência, e sim muito mais uma espécie de essência cuja ação se dirige não às demais funções anímicas, mas que se comporta ativamente e que intervém na vida individual mais ou menos como um estranho, às vezes prestativo, mas às vezes também incômodo e até mesmo destrutivo. Tem-se portanto todos os motivos para se lidar com essa grandeza e esclarecer sua maneira de atuação.

Se eu a seguir represento a figura do animus e suas formas de manifestação como se fossem realidades, devo chamar a atenção do leitor para o fato de que estamos tratando de realidades psíquicas,⁶ que são incomensuráveis em relação às realidades concretas, mas nem por isso menos atuantes.

O trabalho apresentado representa a tentativa de considerar determinados aspectos do animus sem entretanto reivindicar uma abrangência total desse fenômeno bastante complexo. Trata-se não apenas pura e simplesmente de uma grandeza dada imutável, mas também de um processo espiritual. Aqui eu me limito a tratar das formas de manifestação do animus em sua relação com o indivíduo e com a consciência.

1. FORMAS DE MANIFESTAÇÃO DO ANIMUS

Eu, portanto, parto da hipótese de que o animus refere-se a um ser *masculino*, cujo rastro pode ser seguido e que deve ser representado.

Como se caracteriza então o ser masculino? Goethe faz com que Fausto, ocupado em traduzir o evangelho segundo João, se pergunte se na passagem “no princípio era o verbo” não ficaria melhor “no princípio era a força” ou “o sentido”, para escrever finalmente “no princípio era o ato”. Com essas quatro expressões, que deveriam traduzir o “logos” grego, parece estar representada de fato a quintessência do ser masculino. Há nelas ao mesmo tempo uma sequência de graus, e cada um desses graus tem seu representante na vida, bem como no desenvolvimento do animus. O primeiro grau corresponde à *força*, seguindo-se o *ato*, o *verbo* e, por fim, como último grau, o *sentido*. Em lugar de força, de qualquer forma, seria melhor dizer força *dirigida*, ou seja, *vontade*, pois a força pura ainda não é humana e também não é espiritual. Essa quadruplicidade pela qual o princípio do logos é descrito tem, como podemos ver, um elemento da *consciência* como condição prévia. Sem esta, nem vontade, ato, verbo ou sentido pode ser representado. Assim como há homens que se destacam pela força física e há homens de ação, de palavras e há os homens sensuais, assim também está dividida a imagem do animus, que corresponde ao respectivo grau ou aptidão da mulher. Essa imagem é, por um lado, projetada em um homem real semelhante a ela, que através dela corresponde ao papel do animus, e por outro ela aparece como figura onírica ou de fantasia, e finalmente, já que representa uma realidade anímica viva, ela pode, a partir de dentro, emprestar uma determinada coloração a todo o comportamento. Para mulheres primitivas ou jovens, ou para o primitivo que existe em cada mulher, há um representante do animus que se destaca pela força física e

pela agilidade; daí os típicos heróis das lendas ou os atuais ídolos do esporte, caubóis, toureiros, pilotos etc. Para as exigentes, ele é um tipo que executa atos, no sentido de que dirige sua força para algo que vale a pena; é comum que aqui as transições sejam fluidas, pois força e ato condicionam um ao outro. Os homens do *verbo* ou até mesmo do *sentido* caracterizam então, de maneira muito precisa, a direção espiritual, pois verbo e sentido correspondem principalmente às faculdades espirituais. Aqui há, portanto, o animus no sentido mais restrito, compreendido como *líder espiritual* e como aptidão espiritual da mulher. Nesse grau, ele pode muito bem tornar-se acima de tudo problemático, e por isso teremos que nos deter nele o mais longamente possível.

Encontramos os graus da valentia e da ação projetados na *figura do herói*. Entretanto, há também mulheres nas quais essa espécie de masculinidade está registrada e atuante de maneira harmônica com o ser feminino. Estas são as mulheres ativas, enérgicas, corajosas e atuantes. Ao lado destas encontramos também aquelas em que a integração não deu certo e onde a postura masculina sufocou e reprimiu a feminina; estas são as mulheres-homens superenérgicas, inescrupulosas e brutais, as Xantipas, que são não apenas ativas mas até mesmo violentas. Em muitas mulheres, essa masculinidade primitiva encontra expressão também na vida amorosa: seu erotismo tem então um caráter agressivo masculino, não sendo condicionado ao sentimento nem ligado a ele, como é o caso normalmente com as mulheres, funcionando entretanto para si, sem estar associado à totalidade da personalidade. Isso acontece de maneira predominante com os homens.